

O PAPEL DO PROFESSOR NOS DESAFIOS FRENTE AO AUTISMO NA SALA DE AULA: Estudo de Caso em uma Escola Pública em Balsas-MA

Elizaete Gomes Ribeiro ¹

Eliene Rodrigues ²

João Gabriel Rodrigues Ribeiro ³

RESUMO

O tema deste artigo vem de encontro sobre o papel do professor na formação e nos desafios frente ao autismo na sala de aula. A escola faz uma adaptação para que sejam atendidas todas as dificuldades, para que não haja interrupção e bloqueio de aprendizado. Os sistemas educacionais têm buscado mais a liberdade de expressão do educador em transmitir seus conhecimentos e com isso, tem mostrado outros modelos de educação inclusiva para a sociedade como meio de desenvolvimento para os educando com necessidades especiais. Assim, o objetivo deste tema vem ao encontro de conhecer as intervenções e desafios que o professor tem sobre o autismo na sala de aula. A justificativa é mostrar à sociedade e as famílias a importância do professor nas orientações e intervenções do aluno autista para sua formação educacional. Percebe-se que muitas escolas públicas ou até mesmo privadas, estão buscando uma interação maior das famílias que tem crianças autistas, e em meios as suas estratégias pedagógicas neste processo de aprendizagem destes alunos, têm utilizado os jogos e brincadeiras lúdicas como processo de aprendizagem, com isso proporcionando ambientes que sejam desafiadores e capazes de estimular o intelectual destes alunos proporcionando uma conquista de estágio mais elevado do raciocínio lógico. A metodologia utilizada foi por meio de livros que relata sobre o tema, e um estudo de caso, a partir da análise de uma escola pública denominada X, que foi objeto de estudo. Utilizou um questionário fechado de natureza qualitativa, de caráter descritivo exploratório, envolvendo professores, gestores e responsáveis pelos os educando, com quatro perguntas para cada entrevistado. Os resultados esperados foram que os professores precisam ser capacitados e qualificados constantemente, devido cada aluno autista ter um histórico de aprendizagem diferente, e, assim, vai facilitar no aprendizado do aluno autista.

Palavras-chave: Aprendizagem, Autismo, Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Sob essa perspectiva, compreende-se que o desenvolvimento de um sistema educacional inclusivo exige que escolas, tanto públicas quanto privadas, acolham todas

¹ Graduada em Bacharel em Administração – Faculdade Atenas Maranhense – FAMA; Graduada em Formação Pedagógica de Docentes do Ensino Fundamental, Médio e Profissional- Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. Esp. em Psicologia da Educação-Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. MBA em Administração de RH-UNITER-PR; Pós-graduação em Gestão em Saúde-Universidade Federal do Maranhão-UFMA; Cursando: Docência do Ensino Superior - UNITER-PR. elizaetegomes@hotmail.com.

² Graduanda em Licenciatura em Pedagogia-Universidade do Estado do Maranhão-UEMASUL; ln.2022.rod@gmail.com.

³ Graduando no curso de Bacharel em Enfermagem-Universidade Federal do Maranhão-UFMA; gabrielrodrigues32400@gmail.com.

as crianças, sejam elas com suas condições físicas, intelectuais, assim, como sociais, emocionais ou linguísticas. Esse modelo inclusivo visa não apenas prevenir a exclusão, mas também responder às necessidades específicas dos alunos que apresentam dificuldades significativas de aprendizagem, com destaque para aqueles com transtorno do espectro autista (TEA). A inclusão desses estudantes requer adaptações pedagógicas, apoio especializado e ambientes favoráveis ao desenvolvimento integral, promovendo a equidade educacional.

O tema deste artigo vem de encontro sobre o papel do professor na formação e nos desafios frente ao autismo na sala de aula. A escola faz uma adaptação para que sejam atendidas todas as dificuldades, para que não haja interrupção e bloqueio de aprendizado. Os sistemas educacionais têm buscado mais a liberdade de expressão do educador em transmitir seus conhecimentos e com isso, tem mostrado outros modelos de educação inclusiva para a sociedade como meio de desenvolvimento para os educando com necessidades especiais.

Assim, o objetivo deste tema vem ao encontro de conhecer as intervenções e desafios que o professor tem sobre o autismo na sala de aula. A justificativa é mostrar à sociedade e as famílias a importância do professor nas orientações e intervenções do aluno autista para sua formação educacional.

Percebe-se que muitas escolas públicas ou até mesmo privadas, estão buscando uma interação maior das famílias que tem crianças autistas, e em meios as suas estratégias pedagógicas neste processo de aprendizagem destes alunos, têm utilizado os jogos e brincadeiras lúdicas como processo de aprendizagem, com isso proporcionando ambientes que sejam desafiadores e capazes de estimular o intelectual destes alunos proporcionando uma conquista de estágio mais elevado do raciocínio lógico.

A educação tem passado por reformulações significativas tanto nas esferas públicas quanto privadas. Nesse contexto, a inclusão de crianças autistas no ambiente escolar apresenta desafios e especificidades únicas. Esse processo exige uma atuação integrada entre gestores, professores e familiares, que precisam trabalhar juntos para garantir que a criança seja plenamente inserida na escola.

A participação entre esses atores que é essencial para criar um ambiente acolhedor, com adaptações pedagógicas, recursos especializados e práticas inclusivas que respeitem as necessidades individuais da criança autista, promovendo seu desenvolvimento e aprendizado de forma efetiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sabe-se que as causas do autismo ainda não sejam claramente definidas, é consenso que cada criança com autismo manifesta comportamentos e necessidades de forma única. Assumpção destaca que o autismo pode ser compreendido como uma síndrome caracterizada por múltiplos comportamentos e marcada por dificuldades na interação social.

Ele sugere que fatores relacionados ao desenvolvimento durante a gestação podem influenciar essa condição, embora não haja uma causa isolada ou específica comprovada. Assim, a complexidade do transtorno envolve múltiplas influências genéticas e ambientais, tornando necessária uma abordagem individualizada para cada caso.

Para Gauderer (1993, p.45) “a palavra autismo é oriunda da junção de duas palavras gregas: “autos” que significa “em si mesmo” e “ismo” que significa “voltado para”, ou seja, o termo autismo originalmente significava voltado para si mesmo”. De acordo com a perspectiva de Gauderer, o autismo foi inicialmente entendido como uma forma de esquizofrenia infantil.

No entanto, o termo "autismo" deriva da ideia de um comportamento voltado para si mesmo, indicando um padrão em que a criança apresenta dificuldade em estabelecer interações sociais e se envolve intensamente em seu próprio mundo interior.

Essa interpretação foi posteriormente reformulada, separando o autismo da esquizofrenia, à medida que novas pesquisas evidenciaram que o transtorno do espectro autista é uma condição neurodesenvolvimental distinta, com características próprias e variações no comportamento e na comunicação (ASSUMPÇÃO, 1997).

A participação da família no ambiente escolar é essencial para o desenvolvimento do aluno, independentemente de ele apresentar algum transtorno de aprendizagem. Quando os responsáveis se envolvem ativamente nas atividades escolares, tanto dentro quanto fora da escola, os estudantes tendem a se sentir mais motivados e com isso engajados no processo de aprendizagem.

Essa colaboração fortalece a confiança dos alunos, melhora o desempenho acadêmico e contribui para a formação de vínculos entre escola e família, o que é fundamental para um processo educacional eficaz e inclusivo. Muitas escolas, tanto públicas quanto privadas, têm buscado estreitar a parceria com as famílias de crianças autistas, reconhecendo a importância desse envolvimento no processo educacional.

Como parte de suas estratégias pedagógicas, essas instituições estão utilizando jogos e atividades lúdicas para ajudar no aprendizado dos alunos.

Essa abordagem cria ambientes desafiadores que estimulam o desenvolvimento intelectual dos alunos, ajudando-os a alcançar níveis mais altos de raciocínio lógico. O uso de atividades lúdicas não apenas desperta o interesse das crianças, mas também facilita a construção de habilidades cognitivas de forma prazerosa e significativa.

Oliveira (2015, p.56) “a escola é uma instituição social com objetivos e metas determinadas, que emprega os conhecimentos socialmente produzidos, com o intuito de promover a aprendizagem e efetivar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: memória seletiva, criatividade”. Tanto as escolas públicas quanto privadas desempenham um papel essencial na formação de cidadãos, atuando como espaços de transmissão de conhecimento teórico e prático por meio de seus educadores.

Nesse contexto, as instituições de ensino se configuram como ambientes para o aprendizado de valores, culturas e comportamentos diversos. Dentro deste contexto, um dos principais objetivos da escola é promover o desenvolvimento integral do aluno e com isso preparando-o para o exercício da cidadania e com isso incentivando para se ter virtudes fundamentais para uma convivência harmônica em sociedade.

Além de transmitir conhecimentos acadêmicos, a escola também busca formar indivíduos éticos e críticos, capacitados para contribuir ativamente para o bem-estar coletivo. É importante salientar que a interação entre escola e família é essencial para o desenvolvimento integral dos alunos, uma vez que a família representa a base na construção de sua personalidade e caráter. Esse vínculo fortalece o processo de ensino e aprendizagem, ao promover uma colaboração ativa e contínua entre ambas às partes.

A parceria entre a escola e a família tem impacto direto no desempenho escolar e na formação dos vínculos afetivos e sociais que moldam a identidade do aluno ao longo da vida. Desde cedo, o ser humano participa de interações sociais diversas (criança-criança, criança-adulto e adulto-adulto), e essas relações contribuem para a construção de valores e para o entendimento da realidade ao seu redor (KISHIMOTO, 2015).

Dessa forma, a colaboração entre a escola e a família não apenas facilita a adaptação e a aprendizagem dos alunos, mas também promove uma educação mais humanizada e contextualizada, que prepara o indivíduo para atuar de maneira consciente e responsável na sociedade.

O professor deve reconhecer que os alunos nem sempre têm plena consciência do que é esperado deles, especialmente se as regras não forem construídas de forma

participativa. As normas, por mais bem elaboradas que sejam, precisam ser claras, objetivas e reiteradas ao longo do tempo para que possam ser compreendidas e internalizadas pelos estudantes (LOPEZ, 2017).

A construção democrática dessas regras, com a participação ativa dos alunos, não apenas facilita sua aceitação, mas também promove o desenvolvimento do senso de responsabilidade e pertencimento. Dessa maneira, o processo educativo se torna mais eficaz, pois os alunos passam a entender a importância de cada norma e o impacto positivo de sua aplicação no ambiente escolar.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi por meio de livros que relata sobre o tema, e um estudo de caso, a partir da análise de uma escola pública denominada X, que foi objeto de estudo. Utilizou um questionário fechado de natureza qualitativa, de caráter descritivo exploratório, envolvendo professores, gestores e responsáveis pelos os educando, com quatro perguntas para cada entrevistado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adaptação da criança autista ao ambiente escolar é essencial para seu desenvolvimento, e o professor desempenha um papel central nesse processo. É fundamental que este aluno seja incluído em todas as atividades pedagógicas e sociais, considerando suas necessidades específicas de aprendizagem. Por pertencer a um grupo com dificuldades particulares, é importante que ele participe ativamente de experiências que estimulem tanto suas habilidades cognitivas quanto seus aspectos sociais e emocionais.

Na primeira pergunta realizada aos gestores e professores sobre o relacionamento entre os alunos, 20% avaliaram como excelente, 50% como bom e 30% consideraram apenas razoável. Observa-se que há um esforço significativo por parte dos gestores e professores para promover a sinergia entre os estudantes na escola pesquisada. No entanto, os dados sugerem que ainda há espaço para aprimoramentos, indicando a necessidade de ações mais eficazes para fortalecer o convívio e a colaboração entre os alunos, garantindo um ambiente mais inclusivo e harmonioso.

O envolvimento em atividades diversas não apenas promove a integração, mas, também possa fortalecer a autoestima e a capacidade de interação com os demais

colegas. A inclusão efetiva depende de uma abordagem personalizada e colaborativa entre a escola e a família, garantindo que o ambiente escolar seja acolhedor e favorável ao desenvolvimento da criança.

De acordo com o pensamento de Leite (2016) em que, ao longo de vida a educação é um fator importantíssimo, todo indivíduo precisa e tem o direito à educação. Por meio da educação garante-se o saber sobre tudo que precisa para viver em uma sociedade. É fundamental que cada indivíduo tenha o conhecimento social, econômico e cultural. O impacto da educação profissionalizante reflete em todas as áreas da vida do ser humano. Ao garantir o saber, o aprendizado por meio da educação, se ganha muitas oportunidades, como empregos, vida social estável, ou seja, a educação é um preparo de vida de cada indivíduo.

A escola é considerada como um espaço de aprendizagem que envolve a troca de conhecimentos e experiências não apenas entre os alunos, mas, também com professores, gestores e familiares. Diante disso, a segunda pergunta da pesquisa buscou identificar se a escola possuía algum aluno com necessidades especiais, especialmente com diagnóstico de autismo. O resultado foi unânime: 100% dos entrevistados informaram que, naquele momento, não havia crianças autistas matriculadas na instituição.

Considerando uma das principais dificuldades enfrentadas por pais e responsáveis é a inserção de seus filhos com algum tipo de deficiência em escolas regulares públicas. Para aprofundar essa questão, perguntou-se aos gestores e professores se a escola encontrava dificuldades nesse processo.

Os resultados revelaram que 50% dos entrevistados afirmaram que sim, apontando como barreiras a estrutura física inadequada e a falta de qualificação docente. Os outros 50% disseram que, embora a escola consiga receber esses alunos, ainda há necessidade de melhorias na infraestrutura e de maior investimento por parte dos gestores públicos em capacitação profissional para os educadores.

Da forma posta por Montoan (2012, p.55) “nas situações de integração acaba sendo feita a exclusão dos alunos não aptos para a inserção em classes comuns, dando-lhes atendimento e currículos diferenciados”. De acordo com as palavras de Montoan as escolas regulares recebem alunos com dificuldades especiais, porém, necessitam de educadores qualificados em educação inclusiva em sala de aula, para atender as dificuldades daquele educando. O aprendizado é diferenciado, pois as crianças especiais

como os autistas como, por exemplo, eles possuem um déficit de compreensão, e, é importante um acompanhamento do profissional psicopedagogo na escola.

O treinamento é essencial em qualquer área de atuação, seja no setor público ou privado. Diante disso, perguntou-se aos gestores e professores sobre os treinamentos oferecidos pela escola. Os resultados mostraram que 100% dos entrevistados confirmaram a existência de capacitações. No entanto, foi destacado que a maioria dos treinamentos oferecidos não é voltada especificamente para a educação inclusiva, indicando uma lacuna significativa na preparação dos profissionais para lidar com a diversidade no ambiente escolar.

Montoan (2012, p.59) “afirma que a escola tem de mudar como um todo para atender a todas as necessidades, provenientes dos alunos portadores de necessidades especiais ou não”. Para atender as necessidades especiais dos educando, as escolas deve fazer um planejamento de inclusão com o educando, juntamente com um profissional psicopedagogo e um educador com especialização em educação inclusiva, para que esse educando venha a desenvolver um a aprendizagem com motivação e de forma facilitada.

Dessa forma, cabe ao educador planejar e executar atividades que incentivem tanto a aprendizagem quanto a interação, respeitando o ritmo de cada aluno e oferecendo apoio adequado para que o desenvolvimento seja integral e consistente. Para receber um educando com necessidades especiais, a escola precisa ter um educador com especialização em educação inclusiva e um psicopedagogo na escola, para atender as necessidades do mesmo. Muitos educandos mesmo sem necessidades especiais têm suas necessidades em sala de aula, isso se faz necessário à escola fazer a adaptações para atender todos os educandos.

Ferreira e Guimarães (2013, p. 120) “a educação tem sido um fator determinante na atual realidade globalizada, sendo um dos fatores primordiais na formação profissional dos jovens com necessidades especiais”. A função da educação profissional é formar indivíduos conscientes, ativos, autônomos, participativos e agentes críticos modificadores da sua realidade no ambiente em que vive e consequentes um profissional preparado para a sociedade.

Neste sentido o papel do professor em sala de aula é fundamental na formação do aluno, o mesmo deve se qualificar cada vez mais, para trazer novas estratégias de ensino para seus alunos. E com relação à educação inclusiva nas escolas públicas é válido salientar em que os gestores precisam buscar cada vez, a capacitação dos seus professores para receber estes alunos com necessidades especiais, o autismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a evolução tecnológica e as novas demandas sociais, o objetivo principal da educação deve ser formar indivíduos capazes de refletir criticamente sobre o mundo e promover mudanças significativas. O foco não é apenas criar alunos rotulados como "inteligentes", mas, sim cidadãos conscientes, preparados para buscar justiça social e igualdade, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e colaborativa.

Haja vista que a arte de educar vai além da simples transmissão de conteúdos, envolve inspirar e orientar os alunos para que possam desenvolver habilidades críticas e transformadoras. O educador contemporâneo não pode mais se limitar a um ensino mecânico e também repetitivo. Ele deve atuar como mediador e facilitador, ajudando os estudantes a conectar os conhecimentos teóricos à realidade em que vivem.

Os primeiros contatos dos alunos com educação inclusiva exigem uma atenção especial tanto por parte da gestão escolar quanto dos professores. Esse momento é crucial, pois o aluno autista pode enfrentar desafios de adaptação a um ambiente novo e pessoas desconhecidas. Por isso, é essencial que os profissionais de educação especial estejam preparados para lidar com essas dificuldades, aplicando práticas pedagógicas que favoreçam a integração e a construção de vínculos.

Educadores precisam adotar estratégias que valorizem o desenvolvimento emocional e social desses alunos, ajudando-os a se sentirem acolhidos e motivados. Jogos educativos, atividades lúdicas e metodologias de ensino individualizadas são recursos importantes para incentivar a participação ativa e criar um ambiente de aprendizado que promova a identificação do aluno com a escola e o novo contexto.

As atividades lúdicas desempenham um papel essencial no processo de aprendizagem de alunos com autismo, contribuindo tanto para o desenvolvimento cognitivo quanto para a formação do caráter. Essas atividades ajudam a criar oportunidades de aprendizado por meio da exploração e descoberta, promovendo habilidades sociais, emocionais e comunicativas.

Conclui-se, que é crucial que os educadores tenham clareza sobre os objetivos dessas práticas, evitando confundir a socialização do aluno com o aprendizado em si. A socialização é uma parte importante, mas, não deve ser vista como o único resultado esperado. O foco precisa estar no equilíbrio entre o desenvolvimento social e o cognitivo, utilizando jogos e atividades que permitam ao aluno interagir e, ao mesmo tempo, assimilar conceitos de forma significativa.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, F.B. Jr. **Transtornos invasivos do desenvolvimento infantil**. Lemos Editora e Gráficos Ltda. São Paulo, 1997.

FERREIRA, Maria E. C.; GUIMARÃES, Marly. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2013.

GAUDERER, E. Christian. **Autismo**. Atheneu, 1993.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LEITE, Sérgio Antônio Silva. **Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2016.

LOPEZ, J. C. **A Formação de professores para a inclusão escolar de estudantes autistas: contribuições psicopedagógicas**. Trabalho final do curso (Especialização em psicopedagogia clínica e institucional) Universidade de Brasília, 2017.

MANTOAN, M.T.E. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memmon, Editora SENAC, 2012.

OLIVEIRA, Andréia Cosme. **O papel da família no processo de inclusão escolar do aluno com transtorno do espectro autista**. Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Brasília, 2015.